

AFROEMPREENDEDORISMO: PERFIL, DIFICULDADES E MOTIVAÇÕES DE EMPREENDEDORES NEGROS NA CIDADE DE BENTO GONÇALVES - RS

Jucenil Leônidas Marques Faria (nilleonidas777@gmail.com)
Pedro Henrique de Moraes Campetti (pedro.campetti@bento.ifrs.edu.br)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Bento Gonçalves

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo investigar a cidade de Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul, e identificar o perfil do empreendedor afrodescendente nesse contexto. Com o crescimento contínuo do número de empreendedores no Brasil, observa-se a existência de um contingente significativo de proprietários de negócios de origem afro-brasileira, categorizados como afroempreendedores. Segundo pesquisa realizada pelo SEBRAE, esse grupo constitui a maior proporção de empreendedores no país. Contudo, essa não é a realidade da região geográfica analisada, especificamente Bento Gonçalves, localizada na Serra Gaúcha. Apesar desse cenário, existem desigualdades evidentes quando se comparam as oportunidades dos afroempreendedores com as dos empreendedores brancos. Assim, esta pesquisa busca abordar questões levantadas pela literatura sobre afroempreendedorismo, com foco no mapeamento das motivações e dificuldades enfrentadas por afroempreendedores em Bento Gonçalves. Para tanto, utiliza-se uma abordagem qualitativa que engloba a identificação do público-alvo, a aplicação de entrevistas e questionários, a transcrição e análise de dados, bem como a triangulação de fontes (entrevistas, pesquisa bibliográfica e observação). Este estudo propõe, a partir do panorama obtido na cidade de Bento Gonçalves, mapear uma amostra de afroempreendedores e confrontar os dados coletados por meio de entrevistas e questionários com o referencial teórico disponível. Os objetivos específicos incluem analisar as dificuldades enfrentadas por esses empreendedores em comparação com empreendedores brancos, com ênfase no acesso ao crédito e às oportunidades de mercado. Além disso, busca-se contribuir para o desenvolvimento acadêmico do tema, considerando raça e etnia como fatores centrais na análise, ampliando a produção científica sobre um objeto de estudo que ainda se apresenta como incipiente.

Palavras-chave: Afroempreendedorismo, Empreendedorismo Negro, Empreendedorismo, Bento Gonçalves - RS, Serra Gaúcha.

1. INTRODUÇÃO

A prática do empreendedorismo emergiu como uma das principais abordagens adotadas pelos indivíduos em sua busca pela aprimoração de suas necessidades. O papel do empreendedor adquire considerável relevância no contexto econômico de uma nação, visto que se constitui como um agente capaz de mitigar as barreiras de ordem comercial e cultural. Além disso, o empreendedorismo atua como um mecanismo que encurta distâncias geográficas e promove a globalização, ao mesmo tempo em que instaura inovações nos paradigmas econômicos. Este processo é concretizado por meio da instauração de novas modalidades de relação laboral, resultando na criação de oportunidades de emprego e contribuindo para a acumulação de riqueza na sociedade (DORNELAS, 2014).

Por ser um tema atual, sobretudo após o contexto pandêmico da Covid-19, o empreendedorismo contribui ainda para o desenvolvimento social, ao mesmo tempo em que desempenha um papel significativo na promoção do desenvolvimento de cidades, comunidades e bairros. Conforme observado por Dornelas (2003), estávamos vivenciando a era do empreendedorismo nos anos 2000. Atualmente, segundo (Neck et al., 2023) o empreendedorismo contemporâneo transcende a mera criação de negócios, posicionando-se como um vetor de inovação, transformação social e sustentabilidade. Em um mundo marcado pela incerteza e pela aceleração tecnológica, empreender tornou-se uma competência essencial para enfrentar os desafios econômicos e sociais. Nesse contexto, seguindo a dinâmica contemporânea, a prática do empreendedorismo tornou-se cada vez mais comum no Brasil. Entre os empreendedores brasileiros, destaca-se o grupo dos empreendedores negros, que compõem a maioria desse cenário empreendedor e são definidos como afroempreendedores.

O termo "afroempreendedorismo" refere-se ao fenômeno econômico, político e social que incentiva a população negra a desenvolver atividades empreendedoras. Embora o conceito tenha ganhado destaque nos últimos anos, não há uma atribuição clara a um único indivíduo como seu criador. O termo emergiu coletivamente a partir de discussões acadêmicas e movimentos sociais focados no empreendedorismo negro. Por exemplo, o Fundo Agbara discute o afroempreendedorismo como uma resposta às lacunas de mercado e uma estratégia de combate ao racismo estrutural.

O empreendedorismo tem se mostrado um fator de importância estratégica para promover um processo simultâneo de inclusão e mobilidade econômica para a população afrodescendente no Brasil. Nesse sentido, a apresentação da trajetória histórica desse grupo é essencial para compreender a situação desse segmento social, que tem raízes profundamente vinculadas ao período

da escravidão e cujas implicações, mesmo após mais de 130 anos da abolição, ainda persistem de forma perceptível. A persistente presença da pobreza, da violência e da discriminação que afetam os negros no Brasil reflete diretamente o resultado de um país que historicamente normalizou o preconceito contra esse grupo social, relegando-o à margem da sociedade (DANIEL, 2019).

De acordo com as pesquisas de Nogueira e Mick (2013), às origens do empreendedorismo afro-brasileiro podem ser rastreadas até o gradual declínio do sistema escravista. No início do século XIX, com a chegada da família imperial ao Brasil, o país já contava com aproximadamente 400 mil negros que atuavam como homens livres, enquanto a população total de escravos ascendia a 1,6 milhão em um contexto populacional de 3 milhões de pessoas. Considerando as habilidades e competências presentes nessa população, torna-se implausível que nenhum dos 400 mil negros livres tenha empreendido seus próprios negócios.

Gilberto Freyre (2003, p. 381-382), em seu estudo, observou que "a formação brasileira foi enriquecida pela influência da cultura negra africana, assimilando elementos, por assim dizer, da elite". Isso significa que os trabalhadores negros e negras desempenharam um papel ativo e significativo no processo de desenvolvimento do Brasil.

De acordo com Hosenbalg (1988) postula que essa perspectiva negativa em relação aos indivíduos negros acaba por infiltrar-se na comunicação e nas representações populares, resultando na internalização de estereótipos desfavoráveis. Essas representações, uma vez aceitas como "verdades", tendem a restringir as aspirações de ascensão social e econômica por parte da comunidade negra. Por sua vez, as análises de Nogueira e Mick (2013), o sistema capitalista no contexto brasileiro é percebido por muitos intelectuais como um empreendimento primordialmente dirigido por indivíduos de ascendência étnica branca.

Dito isto, o presente estudo tem como foco de pesquisa desvelar as particularidades presentes na prática empreendedora de seus membros diante das dificuldades estruturais identificadas em diversas produções. Nesta investigação, os proprietários de negócios administrados por indivíduos negros serão definidos como afroempreendedores, seguindo a mesma terminologia adotada em análises anteriores.

Empreendedoras e empreendedores negros movimentam cerca de R\$ 1,7 trilhão por ano no Brasil e constituem a maioria, representando aproximadamente 51% dos brasileiros que se dedicam ao empreendedorismo, sendo que 52% deles são mulheres. No entanto, esses mesmos empreendedores enfrentam consideravelmente mais dificuldades para obter investimentos, apresentam um faturamento inferior e tem pouca ou nenhuma condição de fomentar empregabilidade.

O Afroempreendedorismo ganhou relevância a partir de um estudo realizado pela Pesquisa

Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), divulgado pelo SEBRAE em 2013. A pesquisa foi intitulada "Os Donos do Negócio do Brasil", e a partir dela, revelou-se que o número de afroempreendedores havia crescido 27%. No período seguinte, em 2015, uma pesquisa com o mesma titulação apontou que "Os Donos do Negócio no Brasil" eram constituídos por 50% de negros e 49% de brancos, enquanto 1% pertencia a outros grupos populacionais. Em 2017, o SEBRAE realizou uma pesquisa sobre o perfil do microempreendedor brasileiro e confirmou que 53% deles eram pretos e pardos.

Além disso, a pesquisa mais recente realizada pelo Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade (IBQP), SEBRAE e GEM 2019, destacou que a taxa total de empreendedores no Brasil entre pretos ou pardos é maior do que a de brancos, com 39% de afroempreendedores em relação a 37,8% de empreendedores brancos. A mesma pesquisa demonstra outro dado importante, indicando que 27,1% dos empreendedores negros começam um negócio por necessidade, ou seja, devido à falta de oportunidade de emprego. Além disso, de acordo com uma pesquisa do SEBRAE, os negros enfrentam mais dificuldades para obter acesso a crédito e apresentam maior nível de endividamento em comparação aos brancos.

Diante dessas informações e considerando a amplitude da temática empreendedorismo, a presente pesquisa propõe-se a investigar afroempreendedores da cidade de Bento Gonçalves, localizada na Serra Gaúcha do Rio Grande do Sul. Com o objetivo de analisar as dificuldades enfrentadas por esses empreendedores em comparação com empreendedores brancos, com ênfase no acesso ao crédito e às oportunidades de mercado. Além disso, busca-se contribuir para o desenvolvimento acadêmico do tema, considerando raça e etnia como fatores centrais na análise, ampliando a produção científica sobre um objeto de estudo que ainda se apresenta como incipiente.

A motivação para este estudo está relacionada à percepção de que a experiência e vivência de um afroempreendedor apresenta particularidades em relação a outros grupos de empreendedores. Além disso, busca-se identificar potenciais afroempreendedores na cidade de Bento Gonçalves, e a partir de uma pesquisa qualitativa, por meio de entrevista, comparar os dados com estudos já existentes. Portanto, este projeto justifica-se pela importância de destacar as diferenças entre diversos grupos de empreendedores e revelar questões que podem representar obstáculos no processo empreendedor de pessoas pretas e pardas. Isto se fundamenta, uma vez que o processo empreendedor desempenha um papel crucial no desenvolvimento do país, sobretudo baseando-se em um recorte racial de um grupo historicamente marginalizado e vulnerável.

Com apontamentos como este, os proprietários dessas microempresas terão também a possibilidade de ascender socialmente por meio dessa iniciativa, impactando positivamente a vida das pessoas ao seu redor por meio do empreendedorismo. Nesse contexto, o presente trabalho

compromete-se a abordar essa temática considerando as problemáticas históricas em relação a etnia e raça que permeiam nossa sociedade. Adicionalmente, para fins de esclarecimento, as características étnico-raciais serão discutidas de acordo com as definições estabelecidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que categoriza como negros aqueles que se autodeclararam pretos ou pardos no censo, e como brancos aqueles que assim se autodeclararam.

Ainda, para proporcionar uma maior visualização da forma como o poder público atende às necessidades dos afroempreendedores, bem como corroborar com a defesa do discurso, serão apresentadas algumas iniciativas legislativas pioneiras em diversas cidades que têm direcionado sua atenção para esse grupo, que apesar da sua amplitude exige uma observação específica.

2. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

O presente referencial teórico aborda, em sua primeira seção, o tema mais abrangente, que é o empreendedorismo, discorrendo sobre pontos relevantes relacionados a essa temática. Em uma etapa subsequente, será apresentado o conceito de afroempreendedorismo, juntamente a suas principais características. Posteriormente, serão expostos projetos de legislativos, leis e emendas que visam promover e viabilizar o afroempreendedorismo em diversas localidades do país. Por fim, será realizada a exposição de algumas empresas, instituições e organizações que direcionam seus esforços para promover e apoiar o afroempreendedorismo no Brasil.

2.1. EMPREENDEDORISMO

Etimologicamente, o termo empreendedor deriva da palavra francesa 'entrepreneur', que foi empregada pela primeira vez em 1725 pelo economista irlandês Richard Cantillon para descrever o 'indivíduo que assumia riscos'. O dicionário de Oxford define 'entrepreneur', que, em tradução livre, significa empreendedor, como 'alguém que obtém lucro ao iniciar seu próprio negócio, especialmente quando isso envolve identificar uma nova oportunidade e assumir riscos: um empreendedor de internet / e-commerce / dotcom, um empreendedor imobiliário / de varejo / de tecnologia'. Dornelas, em seu livro 'Empreendedorismo: Transformando Ideias em Negócios' (2008), afirma que o conceito de empreendedorismo tem sido amplamente difundido no Brasil desde os anos 1900. O autor ainda ressalta que existem vários fatores que talvez expliquem isso, sendo um deles a preocupação com a necessidade de criar micro empresas que perdurem e reduzir as altas taxas de mortalidade.

De acordo com Baron e Tang (2011), a criatividade é uma das características fundamentais do comportamento empreendedor, sendo essencial para o desenvolvimento de novas ideias que possam ser transformadas em oportunidades de negócios

Hisrich et al. (2020), por sua vez, destaca que empreendedores bem-sucedidos são caracterizados por sua resiliência, autoconfiança e desejo de controle, além de sua habilidade de identificar oportunidades e inovar constantemente.. Hisrich e Peters (2014), citados por Silva (2017),

argumentam que os empresários raciocinam de forma diferente das demais pessoas, principalmente quando estão em um ambiente de tomada de decisões, o qual pode ser inseguro e de alto risco, demandando uma grande carga emocional. Sendo assim, o empreendedorismo torna-se um fator determinante na erradicação de diversos tipos de desigualdades, incluindo a econômica. Verardi (2012, p. 10), citado por Silva (2017), afirma que:

O conceito de empreendedorismo pode assumir diferentes significados conforme o contexto social, cultural e econômico em que é discutido, porém de forma geral podem-se identificar três abordagens principais. A primeira deriva da linha comportamental e ocupa-se em definir os perfis de personalidade do empreendedor e compreender seu comportamento. [...] A segunda abordagem abrange a análise das habilidades e competências do empreendedor e sua dinâmica e interação no ambiente organizacional. [...] A terceira abordagem refere-se à relação que se estabelece entre empreendedorismo e economia, a inovação e a disposição para correr riscos ao investir em produtos e negócios.

Dornelas (2012, p. 33) apresenta as etapas do processo com as quais o empreendedor pode se deparar. A primeira consiste em identificar e avaliar a oportunidade; a segunda etapa faz referência ao desenvolvimento do plano de negócios; e a terceira, por sua vez, é a determinação e captação dos recursos necessários. Por fim, a quarta etapa representa o gerenciamento da empresa criada. É ressaltado pelo autor que, embora as fases sejam apresentadas de forma sequencial, nenhuma delas precisa ser completamente concluída para que se inicie a seguinte. Ainda sobre o processo empreendedor, Gartner (1985), citado por Radaelli (2019), aponta que existem três dimensões possíveis para a formação do processo empreendedor, sendo elas: indivíduo, ambiente e organização. Na dimensão indivíduo especificamente, o autor destaca as variáveis que ajudam na compreensão da iniciativa empreendedora: necessidade de realização, controle do próprio destino, propensão a tolerar riscos, satisfação no trabalho, experiências prévias de trabalho, família de empreendedores, idade e nível educacional.

Dornelas (2011) argumenta que o empreendedor é caracterizado como um habilidoso identificador de oportunidades, manifestando um perfil individual intrinsecamente curioso e perspicaz em relação à coleta de informações, reconhecendo que seu potencial de êxito se amplia à medida que sua base de conhecimento se expande. Tais oportunidades emergem em virtude de uma intrincada interação de diversos fatores, que abrangem mudanças no âmbito social, transformações econômicas, a emergência de novos nichos de mercado, a evolução de canais de distribuição e a prontidão para adotar tecnologias estabelecidas e não exclusivas (BARON; SHANE, 2015).

Cabe salientar que a pesquisa no campo do empreendedorismo é influenciada por distintas perspectivas, oriundas das abordagens econômicas, comportamentais (psicológicas) e sociológicas. Entretanto, há um consenso geral de que algumas vertentes priorizam a análise do empreendedor em detrimento do contexto social que incide sobre o processo empreendedor. Dentro das categorias

sociológicas de análise, merece destaque a consideração das dimensões étnicas e sociais, as quais devem ser minuciosamente investigadas (OLIVEIRA; PEREIRA; SOUZA, 2013).

A concepção de Souza (2014) ressalta a problemática subjacente à abordagem unicamente economicista do fenômeno empreendedor, uma vez que ela negligencia o fato de que a maioria da classe média brasileira, frequentemente caracterizada como "branca", perpétua vantagens em prol das gerações subsequentes, notadamente seus filhos, conferindo-lhes acesso privilegiado aos melhores empregos e ao sistema educacional mais prestigioso. Dessa forma, as conquistas individuais frequentemente são interpretadas como resultado de mérito pessoal, consolidando, assim, a perpetuação da desigualdade. Consequentemente, uma análise contextual, abarcando dimensões sociais, emerge como urgente, uma vez que se revela fundamental para a compreensão da dinâmica de ascensão econômica observada em diversos grupos sociais na sociedade brasileira, incluindo aqueles que empreendem.

2.2. AFROEMPREENDEDORISMO

Conforme afirmado por Ribeiro (2015), a prática empreendedora tem experimentado um crescimento no contexto brasileiro com ênfase na população negra. Predominantemente, os empreendedores nesse cenário são mulheres negras. De acordo com uma pesquisa conduzida pelo BAOBÁ - Fundo de Equidade Racial, é possível traçar uma trajetória histórica na qual o ato de empreender sempre esteve intrinsecamente associado ao cotidiano dos afrodescendentes no Brasil. Este fenômeno ocorria muito antes do advento do termo "afroempreendedorismo", pois, na verdade, a comunidade negra se engajava em atividades empreendedoras como uma resposta à necessidade básica de sobrevivência.

Uma das principais dificuldades que um pesquisador enfrenta ao investigar um objeto como esse é a escassez de contribuições acadêmicas que discutam em termos de quem é e como pensa o empresário e empreendedor negro. Há pouco interesse do mundo acadêmico em trabalhar com esse público. Em um contexto social marcado pelo racismo e pela ideologia do branqueamento, ser empresário(a) negro(a) tem um significado adicional: a cor interfere nas suas estratégias, o racismo institucionalizado na sociedade brasileira atua como fator importante, ora inviabilizando as tentativas desses empresários, ora lhes proporcionando dificuldades adicionais (ALMEIDA, 2013, p. 247 Apud SILVA 2017).

Oliveira, Pereira e Souza (2013) evidenciam que os estudos relativos aos empreendedores negros no Brasil são ainda incipientes. Quando tais investigações ocorrem, elas frequentemente se restringem a aspectos relacionados ao mercado de trabalho, carecendo de abordagens quantitativas e qualitativas que possam contribuir para a compreensão mais aprofundada do fenômeno do empreendedorismo no contexto brasileiro, sob a ótica da população negra.

Nas raras pesquisas qualitativas voltadas para a compreensão do perfil dos empreendedores negros, para além das dificuldades relacionadas à abertura e manutenção de um empreendimento, os

indivíduos afrodescendentes encaram o desafio de superar as desigualdades étnicas que persistem com umem nosso país. Esses fatores impactam suas relações em diversos âmbitos, como com clientes, fornecedores, funcionários, e na busca por recursos de terceiros para financiar suas atividades (OLIVEIRA; PEREIRA; SOUZA, 2013, p. 18, conforme SILVA, 2017).

Há necessidade de políticas públicas voltadas especificamente a essa população, tendo em vista, principalmente, os dados referentes à educação. As políticas universalistas evidenciam sua ineficácia no combate aos desníveis sociais entre brancos e negros no Brasil. Em um país onde se busca o desenvolvimento social como um todo, é necessária a inclusão de programas com foco de atuação em suas próprias fragilidades de estrutura social, caso contrário há o risco de se promover um círculo vicioso de exclusão social (OLIVEIRA; PEREIRA; SOUZA, 2013, p. 23 apud SILVA 2017).

Um apontamento pertinente também se faz em relação a capacidade dos afroempreendedores de gerar, que quando comparado ao empreendedor branco, denúncia uma defasagem, Oliveira (2016) enfatiza uma distinção significativa apresentada no relatório de pesquisa elaborado pelo SEBRAE, que diz respeito ao panorama étnico-racial dos empreendedores brasileiros. Nesse contexto, destaca-se a categorização em dois grupos distintos: o "empreendedor autônomo" e o "empreendedor empregador". O primeiro grupo refere-se aos indivíduos que operam seus empreendimentos de forma independente, frequentemente trabalhando sozinhos ou em colaboração com um sócio. Por outro lado, o segundo grupo compreende aqueles empreendedores que desfrutam de uma estrutura mais robusta, possibilitando a contratação de funcionários e o investimento em seus negócios.

É relevante observar que, entre os empreendedores de origem étnica negra, a grande maioria, correspondendo a 91%, está enquadrada na categoria de "empreendedores autônomos", enquanto apenas 9% se configuram como "empreendedores empregadores". Em contraste, entre os empreendedores de origem étnica branca, os números revelam uma distribuição diferente, com 78% categorizados como "empreendedores autônomos" e 28% como "empreendedores empregadores" (GELEDÉS, 2016).

Nesse cenário, o grupo social dominante estabelece e reforça mutuamente um espaço social reservado para os negros, com a premissa de que, quando esses indivíduos permanecem dentro desses limites predefinidos, não representam uma ameaça à ordem estabelecida (HOSENBALG, 1988).

Considera-se como preconceito racial uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece. Quando o preconceito de raça

se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é de marca; quando basta a suposição que o indivíduo descende de certo grupo étnico para que sofra as consequências do preconceito, diz-se que é de origem (NOGUEIRA, 2006, p.292).

Segundo Ribeiro (2013), é essencial compreender as estratégias do afroempreendedorismo, que vêm sendo desenvolvidas recentemente por entidades do movimento negro em colaboração com a iniciativa privada e o Poder Público. Para a autora, é viável estabelecer no Brasil uma conexão entre a cultura empreendedora, a herança dos povos africanos e a experiência da escravidão. A formação de redes de empreendedores negros pode ser uma alternativa para fortalecer a atuação dessa população na economia brasileira, como no caso da Anceabra. Além de contribuir para o fortalecimento das atividades comerciais no mercado interno do Brasil, essa rede também favorece a internacionalização da comercialização dos produtos provenientes de seus empreendimentos associados (OLIVEIRA; PEREIRA; SOUZA, 2013, p. 26, apud SILVA, 2017).

2.3. LEIS E AÇÕES PÚBLICAS VOLTADAS AO AFROEMPREENDEDORISMO

Segundo as ponderações de Chér (2008), é imprescindível ressaltar a magnitude das variáveis envolvendo a raça, religião e educação no contexto de qualquer sociedade. Estes elementos exercem influência substancial na conduta dos indivíduos, tanto em sua qualidade de cidadãos, consumidores e profissionais, quanto no estabelecimento de oportunidades no âmbito empresarial. Em um cenário como o brasileiro, caracterizado por marcantes divisões raciais, torna-se inelutável incorporar tais considerações ao explorar as dinâmicas do empreendedorismo (Oliveira et al., 2013).

Diante do exposto, a conscientização e reivindicação por parte dos afroempreendedores, existem, em algumas cidades, leis, projetos e emendas que buscam promover o afroempreendedorismo, fornecendo apoio para atender às suas necessidades. Algumas dessas iniciativas incluem:

- A Lei 5.447, datada de 12 de janeiro de 2015, e regulamentada pelo Decreto nº 36.680, de 18 de agosto de 2015, a qual institui o Programa Afroempreendedor no Distrito Federal (DF).
- A Lei 16.335, de 30 de dezembro de 2015, que estabeleceu o Programa Municipal São Paulo Afroempreendedor.
- A Lei 6.903, datada de 24 de maio de 2021, institui o Programa Municipal Rio de Janeiro (RJ) Afroempreendedor com a finalidade de promover e fortalecer o empreendedorismo nas comunidades quilombolas, nas comunidades tradicionais e de terreiros. Ademais, busca desenvolver estratégias e ações para fomentar o empreendedorismo afro descendente, bem como de grupos e comunidades tradicionais de matrizes africanas na cidade do Rio de

Janeiro. Isso abrange os segmentos cultural, artístico, turístico, estético e identitário.

- A Lei Ordinária 3.596, datada de 2 de maio de 2016, institui o Programa Municipal Diadema (SP) Afroempreendedor e assume o compromisso de servir como ponto de partida para a implementação de estratégias inovadoras voltadas para a formação e qualificação dos empreendedores afro-brasileiros, com o objetivo de assegurar a continuidade e o fortalecimento de seus empreendimentos.
- O Projeto de Lei 0100/2015 de Laguna, Santa Catarina, institui o Programa Municipal Afroempreendedor. Além de outras legislações e emendas que visam direcionar um foco mais específico ao afroempreendedorismo, um exemplo notável ocorreu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Em 2017, o então prefeito municipal aprovou na Câmara Municipal uma emenda que foi incluída na Lei Orgânica do Município. Essa emenda determinou a inclusão do evento "Feira Afroempreendedor" no Anexo I da Lei nº 10.903, de 31 de maio de 2010, fazendo parte do Calendário de Eventos de Porto Alegre e do Calendário Mensal de Atividades da cidade.

2.4 A POPULAÇÃO NEGRA NA CIDADE DE BENTO GONÇALVES

De acordo com dados apresentados pelo Censo Demográfico realizado pelo IBGE em 2022, a população total de Bento Gonçalves é de 123.151 pessoas. Dentre estes, 5.109 pessoas se autodeclararam pretas, 18.262 da população se consideram pardas, 108 indígenas e 76 amarelas, enquanto 99.591 pessoas se identificaram como brancas. Dessa forma, menos de 20% da população da cidade é composta por indivíduos não brancos, um percentual significativamente inferior à média nacional, que, segundo o IBGE (2022), registra aproximadamente 56,1% de pessoas negras (soma de pretos e pardos).)

A cidade de Bento Gonçalves, localizada na Serra Gaúcha, foi colonizada majoritariamente por imigrantes italianos a partir de 1875, durante um período em que o Brasil ainda vivia sob o regime escravocrata, o qual seria oficialmente abolido apenas em 1888, com a assinatura da Lei Áurea. Essa colonização, incentivada pelo governo imperial, resultou em uma predominância cultural e demográfica eurocêntrica na região. Segundo Costa (2020), a política de imigração do período visava substituir a mão de obra escravizada por trabalhadores livres europeus, contribuindo para a exclusão de negros e indígenas das novas dinâmicas econômicas da região

Com o desenvolvimento da região, foi inaugurada, em 1919, a primeira estação ferroviária, conectando inicialmente Bento Gonçalves a Carlos Barbosa. A construção da ferrovia gerou uma demanda por mão de obra que foi suprida, em parte, por trabalhadores negros vindos de outras

regiões do Brasil. Esse movimento marcou o início do registro oficial de populações negras na cidade. Muitos desses trabalhadores se estabeleceram nas proximidades das obras ferroviárias, formando os primeiros núcleos de comunidades negras locais. Após a conclusão da ferrovia, esse remanescente permaneceu trabalhando para a companhia ferroviária e trazendo suas famílias para viver no bairro Cidade Alta, nas imediações da estação.

Segundo (Freyre, 2003), enquanto os imigrantes europeus ocupavam posições relacionadas à engenharia, arquitetura e administração da Estação Ferroviária, a maioria dos trabalhadores negros desempenhavam funções braçais, como carregamento de cargas, manutenção e limpeza das áreas operacionais. Esse padrão reflete o contexto de segregação ocupacional observado em diversas partes do Brasil durante o período pós-abolição, em que trabalhadores negros frequentemente enfrentavam barreiras ao acesso a funções habilidades ou de maior prestígio (NASCIMENTO, 2020).

Ainda sobre a formação do contingente de moradores negros na cidade, destaca-se um segundo fluxo migratório ocorrido a partir de 1945, ligado à expansão do 1º Batalhão Ferroviário. Nessa época, muitos trabalhadores negros foram contratados para tarefas braçais relacionadas à construção de 1.500 km de malha ferroviária na região do Rio das Antas. Novas migrações foram desenvolvidas para o aumento da população negra em Bento Gonçalves, mas, ainda assim, essa parcela da população apresenta experiências em ocupações menos valorizadas, aquelas socialmente e economicamente marginalizadas.

Os processos migratórios e a inserção histórica dos negros na cidade evidenciaram como Bento Gonçalves reproduziu as dinâmicas estruturais de exclusão racial do Brasil. Conforme argumenta Almeida (2019), as oportunidades de integração socioeconômica para a população negra no período pós-abolição foram limitadas, devido à falta de políticas públicas voltadas para o acesso e inclusão dessa parcela da população. Isso explica, em parte, a desigualdade racial ainda evidente nesta cidade.

Atualmente, a representatividade da população negra em Bento Gonçalves permanece baixa, tanto em termos demográficos quanto em sua presença nos espaços de poder e protagonismo cultural. Além disso, a forte ênfase na valorização das tradições culturais ítalo-gaúchas contribui para a invisibilização da história e das contribuições afro-brasileiras ao desenvolvimento local.

Os dados e relatos sobre a população negra em Bento Gonçalves revelam um histórico de exclusão e segregação que ainda repercute na estrutura social e econômica da cidade. A compreensão desse contexto é essencial para a formulação de políticas públicas que promovam maior inclusão racial e

valorização da diversidade cultural. Iniciativas que fortalecem a representatividade negra e a recuperação de sua memória histórica na cidade são passos fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa (SEMANÁRIO, 2018).

2.4.1 INICIATIVAS AFRO EMPREENDEDORAS NO BRASIL

Conforme mencionado, os afrodescendentes empreendem desde o período escravocrata. Atualmente, os dados confirmam que as mulheres negras, que geralmente compõem a base da pirâmide socioeconômica, constituem a maioria dos empreendedores. A partir deste contexto histórico, algumas empresas no Brasil se destacam no mercado afroempreendedor. Grande parte delas é administrada por mulheres negras, e a maioria não busca apenas o lucro. Além de evitar uma visão puramente capitalista, essas empresas também oferecem suporte a empreendedores iniciantes, disponibilizando informações importantes sobre as dificuldades enfrentadas pelos empreendedores negros.

No Brasil, durante o período abrangido entre os anos de 1988 e 1991, foram testemunhadas a criação e estabelecimento de diversas instituições destinadas exclusivamente à promoção e apoio ao empresariado de ascendência afrodescendente. Dentre essas instituições, destacam-se o Centro de Assessoramento e Coordenação Empresarial (CACE), sediado na cidade de São Paulo, e o Centro de Estudos e Assessoramento de Empresários e Empreendedores Afro-Brasileiros (CEM), assim como o Círculo Olympio Marques (COLYMAR), localizados na cidade do Rio de Janeiro. Posteriormente, a partir de 1995, surgiram os Coletivos de Empresários e Empreendedores Afro-Brasileiros (CERBRAs), a Associação Nacional dos Coletivos de Empresários e Empreendedores Afro-Brasileiros (ANCEABRA) e a Rede de Afro-empreendedores (REAFRO), cujas atuações abrangem os estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Estas organizações desempenham um papel de relevância ao fornecerem apoio e orientação a empreendimentos de diferentes escalas, incluindo assessoria nas áreas administrativas, realização de seminários e feiras, estabelecimento de clubes de negócios, bem como o fomento ao espírito empreendedor por meio de programas de capacitação e treinamento (Monteiro, 2013).

As associações de empresários afro-brasileiros foram pensadas não para que reunissem apenas empresários de um único ramo de atividades, mas diversos ramos e setores de diversos portes. Supôs-se que, assim, elas se tornariam mais fortes junto com os próprios empresários atendidos, reunidos em um único local em busca de seus objetivos comuns – unidos não apenas para fazer negócios e ganharem com o poder de influir nas políticas públicas e sociais, fortalecendo amplamente a população negra brasileira. (MONTEIRO, 2013, p. 80)

Outros empreendimentos liderados por afrodescendentes prestam serviços específicos à população negra, buscando preencher a lacuna deixada pelo estado em relação à saúde dessa comunidade. Um exemplo é a empresa em ascensão AfroSaúde, fundada por dentistas em Salvador, Bahia. Sua missão é conectar profissionais negros da área de saúde com pacientes concentrados nas zonas periféricas das cidades.

Diante da realidade de dificuldade de acesso ao crédito por parte da população negra no Brasil, surgiu em 2016 a empresa Conta Black, que busca fornecer serviços bancários digitais às classes mais desfavorecidas da população brasileira. Além disso, outras iniciativas, são:

- O Instituto Afrolatinas, de acordo com sua própria descrição, é uma organização de mulheres negras que desenvolve ações abrangentes a partir da perspectiva das artes, cultura e educação. Ele trabalha para articular e fortalecer diversos campos de conhecimento: nas artes, na academia, nas ruas, em casa, nas escolas, nas fábricas, na comunicação e nos movimentos sociais. Desde 2008, o instituto realiza o Festival da Mulher Afro Latino Americana e Caribenha, denominado Latinidades, que se tornou o maior festival de mulheres negras da América Latina.
- A Feira Preta é um evento anual brasileiro, sendo o maior de cultura e empreendedorismo negro da América Latina. O evento reúne anualmente empreendedores negros das áreas de moda, música, gastronomia, audiovisual, design, tecnologia, entre outras.
- O TrazFavela, também fundado em Salvador, Bahia, por afroempreendedores locais, funciona como um aplicativo de entrega de comida em domicílio e tem como objetivo fortalecer o comércio local, especialmente aqueles localizados em zonas periféricas e favelas, onde muitas vezes os aplicativos mais conhecidos não prestam serviços.
- A Rede Brasil Afroempreendedor (REAFRO) é uma rede voltada para o fortalecimento dos empreendedores negros. Trata-se de uma entidade sem fins lucrativos que tem como objetivo promover a inclusão social e econômica de micro e pequenas empresas administradas por negros no país. A REAFRO foi criada em dezembro de 2015 durante um encontro em São Paulo, no qual mais de 250 afroempreendedores de diferentes estados brasileiros participaram. A REAFRO Rio Grande do Sul é uma das doze coordenações da REAFRO existentes no Brasil, tendo a sede principal localizada no estado do Rio de Janeiro.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Considerando a necessidade de compreender a partir do perfil dos entrevistados as motivações e dificuldades enfrentadas pelos afroempreendedores na cidade de Bento Gonçalves-RS, este estudo propõe o desenvolvimento de um método adequado para abordar o presente objeto de pesquisa.

Metodologicamente, esta pesquisa é qualitativa e exploratória. Inicialmente, ocorreu uma revisão de

literatura. Em seguida, deu-se a identificação do público-alvo composto por afroempreendedores, por meio de busca em redes sociais, empreendedores que o autor já havia identificado, e por meio de recomendações a partir dos primeiros entrevistados. Posteriormente, foram aplicados questionários através de entrevistas. Este método de pesquisa busca identificar detalhadamente os significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, permitindo ao pesquisador aprender com as experiências das pessoas entrevistadas sem interferir em sua relação com a teoria social crítica (RICHARDSON, 1999).

Os métodos de investigação empregados incluem pesquisa bibliográfica e de campo. Primeiramente, foram utilizados materiais publicados em periódicos, livros, sites confiáveis e repositórios de trabalhos acadêmicos de instituições de ensino e universidades. Em segundo lugar, a pesquisa é considerada de campo, uma vez que foram realizadas entrevistas com empreendedores negros de Bento Gonçalves-RS. No contexto dos afroempreendedores de Bento Gonçalves, o projeto visa obter informações suficientes para compreender os motivos que os levaram a empreender. Foram contatados 13 afroempreendedores, dos quais 09 concordaram em participar da pesquisa. Com o objetivo de compreender as demandas e dificuldades dos afroempreendedores na cidade de Bento Gonçalves, na Serra Gaúcha, surge a necessidade de investigar o perfil do afroempreendedor nessa região do Rio Grande do Sul. Sendo uma pesquisa de natureza qualitativa e exploratória, serão conduzidas entrevistas estruturadas com base em um roteiro contendo 19 perguntas, com o intuito de considerar esse recorte específico dos entrevistados (GIL, 2010).

No que diz respeito à análise dos dados obtidos, foi adotada a abordagem de análise de conteúdo, a qual consiste em "um conjunto de instrumentos metodológicos em constante refinamento, voltados para a exploração de discursos (tanto no que diz respeito aos seus conteúdos quanto às suas estruturas) de natureza altamente heterogênea" (BARDIN, 2011, p. 15). A triangulação dos dados será realizada combinando as informações extraídas das entrevistas, as quais serão transcritas, com dados secundários provenientes da pesquisa bibliográfica, bem como por meio da observação sistemática durante as interações nas entrevistas.

Conforme Marconi e Lakatos (2010), a etapa crucial da pesquisa envolve a formulação do plano de coleta de dados, na qual se delineiam os tipos de dados a serem obtidos, sejam eles de natureza secundária ou primária, além da definição da aplicação dos instrumentos desenvolvidos e das técnicas selecionadas. O objetivo primordial desta etapa é a efetiva obtenção dos dados planejados, sendo que esse processo pode ser conduzido por meio de diversas estratégias, tais como pesquisa documental, observação, realização de entrevistas, aplicação de questionários, formulários, entre outros recursos disponíveis. O público-alvo desta pesquisa é composto por mulheres e homens que se autodeclararam pretos ou pardos e que atuam ou já atuaram como empreendedores na cidade de Bento Gonçalves, na Serra Gaúcha. A amostra pesquisada consistiu em um total de 09 pessoas

entrevistadas, segundo consta no Quadro 1. Sendo que cinco participantes são do sexo feminino e quatro participantes do sexo masculino.

A seleção dos sujeitos de pesquisa foi conduzida por meio de um processo de identificação de perfis que estejam alinhados com os parâmetros delineados para a presente investigação, a saber: empreendedores afrodescendentes, cujos empreendimentos estejam localizados na cidade de Bento Gonçalves. Cabe ressaltar que os participantes da pesquisa foram convidados a participar de forma voluntária, e como estratégia, optou-se por preservar a confidencialidade dos nomes dos entrevistados ao longo do desenvolvimento do estudo.

Quadro 1 -Perfil dos Afroempreendedores Entrevistados

Entrevistada(o)	Idade	Escolaridade	O Que Fazia Antes de Empreender	Ramo de Atividade	Início da Empresa	Já Havia Empreendido
A	47	Superior Completo	Funcionária Pública	Gastronomia	2016	Não
B	35	Ensino Médio	Operadora	Beleza/Cabelo	2018	Não
C	39	Superior Completo	Educação e Cultura	Autônoma	2014	Não
D	24	Ensino Médio	Estudante	Beleza/Barbearia	2021	Não
E	21	Ensino Médio	Fábrica de Pintura	Cultura Hip Hop	2021	Não
F	41	Ensino Médio	Funcionário de Oficina Mecânica	Oficina de Motos	2014	Não
G	67	Ensino Médio	Caixeiro de Livros	Livraria	2016	Sim
H	35	Mestrado	Professora	Indústria de Alimentos	2018	Não
I	36	Superior Completo	Professora do Estado	Lazer Infantil	2022	Não

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Conforme observado por Michel (2015), os dados primários representam informações coletadas diretamente pelo pesquisador durante a pesquisa de campo, incluindo elementos como depoimentos, entrevistas e questionários. Nessa abordagem, a ênfase recai sobre a preservação da exatidão e da

autenticidade dos eventos registrados. Para a coleta de dados, optou-se por dados primários, que foram obtidos por meio de uma entrevista com um questionário contendo perguntas abertas. A entrevista ocorreu no formato online e presencial dependendo da disponibilidade dos entrevistados, este processo se deu entre Maio e Junho de 2024, conforme documentado no apêndice A.

Para iniciar a coleta de dados, primeiramente, foi realizada uma pesquisa de campo em busca de possíveis perfis de afroempreendedores na cidade de Bento Gonçalves. A partir desse levantamento, foi possível fazer convites pessoais para a participação na pesquisa em um momento futuro. Nesse contexto, foram registrados os contatos telefônicos ou de e-mail de cada um dos participantes.

Após a seleção de 09 afroempreendedores que concordaram em participar da pesquisa, houve um contato subsequente com eles por telefone para definir o dia e o cronograma mais convenientes para a realização das entrevistas, levando em consideração os compromissos desses empreendedores. As entrevistas foram conduzidas por meio da plataforma Google Meet. É importante ressaltar que, com o objetivo de facilitar o processo de análise de dados, como entrada

Em seguida, os dados foram transcritos utilizando a funcionalidade de digitação por voz disponibilizada pelo Google Docs, o que viabilizou a subsequente categorização das informações coletadas.

Para a análise dos dados, empregou-se uma técnica de análise de conteúdo, conforme definido por Bardin (2011, p. 15), como "um conjunto de instrumentos metodológicos em constante aperfeiçoamento, utilizado para examinar discursos (tanto conteúdo quanto forma) que abrangem uma ampla diversidade de tópicos", conforme Quadro 2.

A escolha da técnica de análise de conteúdo, fundamentada em Bardin, permitiu interpretar os discursos de maneira estruturada e criteriosa, possibilitando identificar padrões, categorias e temas recorrentes nas falas dos entrevistados. Esse método mostrado é adequado para compreender as experiências e percepções dos afroempreendedores, fornecendo subsídios para responder às questões de pesquisa de forma aprofundada

Além disso, o uso de plataformas digitais, como o Google Meet e o Google Docs, foi crucial para a realização das entrevistas e o processamento dos dados. Essas ferramentas garantem maior eficiência, segurança e agilidade, especialmente no contexto remoto, destacando a importância da tecnologia na condução.

Quadro 2 - Protocolo de Entrevistas (APÊNDICE B)

Blocos	Questões	Autores
Características do Negócio	1	BARRETO (2013); MONTEIRO (2013); BOMFIM (2016)
	2	BARRETO (2013); MONTEIRO (2013); BOMFIM (2016).
	3	RIBEIRO (2013); GOMES, GUERRA e VIEIRA (2011);
	4	GELEDÉS, (2016);
	5	GELEDÉS, (2016);
	6	GELEDÉS, (2016);
	7	GELEDÉS, (2016);
Motivações para Empreender	8	SEBRAE (2013);
	9	BARRETO (2013); MONTEIRO (2013); BOMFIM (2016).
	10	RIBEIRO (2013); GOMES, GUERRA e VIEIRA (2011);
	11 e 12	SARKAR (2008); BANDEIRA, AMORIN, e OLIVEIRA (2020)
	13	GEM: SEBRAE (2021)
	14	SEBRAE (2021);
Dificuldades Empreender	15	SEBRAE (2013); GELEDÉS, (2016);
	16	SEBRAE (2021);
	17 e 18	ALPERSTEDT, FERREIRA e SERAFIM (2014)
	19	GELEDÉS, (2016);

Fonte:Elaborado pelo autor (2023)

Em relação ao “Quadro 3” a seguir trata-se das diferentes motivações e dificuldades que configuram o processo empreendedor de modo geral. Esta representação nos serve como base norteadora para dialogar com o recorte da pesquisa proposta, bem como, apontar dentre as diversas possibilidades e necessidades, quais delas mais se relacionam com os afroempreendedores pesquisados.

Quadro 3 - Motivações e Dificuldades

Macrocategorias	Categorias
Motivações	Flexibilidade
	Autorrealização
	Autonomia de atuação
	Oportunidade mercadológica
	Crescimento profissional
	Questões financeiras
	Influência de terceiros
Dificuldades	Conciliação das demandas
	Falta de apoio
	Questões financeiras
	Home Office
	Falta de domínio da tecnologia
	Falta de experiência
	Dificuldade na gestão
	Falta de credibilidade

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

4 ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A busca pelos resultados deste estudo tem como objetivo a identificação de afroempreendedores na cidade de Bento Gonçalves. Além disso, visa confrontar os dados obtidos por meio do estudo bibliográfico com as informações coletadas na pesquisa de campo, gerando questionamentos e, a partir destes, obtendo respostas. Deseja-se compreender como é empreender em Bento Gonçalves sendo negro, verificar se existem iniciativas por parte do poder público relacionadas a esse grupo, assim como ocorre em outras cidades, e se os afroempreendedores se identificam enquanto tal.

O questionário aplicado a nove afroempreendedores(as) revela um panorama rico e desafiador sobre as experiências e percepções desses indivíduos em suas trajetórias empresariais. A partir das respostas, identificam-se padrões que dialogam com questões estruturais e culturais, bem como com as particularidades do afroempreendedorismo enquanto expressão de resistência e inovação no mercado. Neste estudo, destaca-se a cidade de Bento Gonçalves, localizada na Serra Gaúcha, como

o contexto específico onde esses empreendedores enfrentam desafios únicos relacionados às características culturais e socioeconômicas locais.

Dos entrevistados, todos possuem CNPJ, segundo os participantes a formalização lhes permite acesso a benefícios como participação em licitações, emissão de notas fiscais e maior reparação no mercado. Segundo os entrevistados, Bento Gonçalves como polo de turismo e vinicultura, oferece algumas oportunidades para a formalização e expansão de negócios, mas os empreendedores negros ainda enfrentam barreiras específicas, como a falta de representatividade no mercado formal local.

Quanto ao tempo de existência dos negócios, observou-se uma variação, com alguns empreendimentos no estágio inicial e outros já estabelecidos há mais de três anos, o que reflete diferentes níveis de maturidade empresarial. Percentualmente constatou-se que: Antes de 2015: 2 pessoas (22,2%), 2016–2020: 4 pessoas (44,4%), 2021 ou depois: 3 pessoas (33,3%).

É relevante ressaltar que outros estudos semelhantes foram conduzidos sobre esse tema, abordando dados comparáveis, como o perfil do afroempreendedor em Brasília ou o perfil do afroempreendedor em Criciúma, Santa Catarina.

A partir da observação do Quadro 1 é possível perceber que os afroempreendedores na cidade de Bento Gonçalves apresentam faixas etárias diferentes ao contrário do que consta no IBQP (2020) em que empreendedores Brasileiros encontram-se na faixa entre 18 a 24 anos (21,2%), 25 a 34 anos (27,3%), 35 a 44 anos (26,4%). Constando aqui a partir desse dado citado algumas discrepância mínima e máxima entre 21 e 67 anos.

4.1 AFROEMPREENDEDOR EM BENTO GONÇALVES -RS

Os dados analisados mostram uma diversidade de perfis entre os afroempreendedores, com idades variando de 21 a 67 anos e uma média aproximada de 38 anos. Essa distribuição etária reflete que o afroempreendedorismo é uma alternativa tanto para jovens em busca de inserção no mercado de trabalho quanto para pessoas mais maduras que optam por uma transição de carreira. A escolaridade também varia, sendo predominantemente o ensino médio, 5 pessoas (55,6%), seguido pelo ensino superior completo, 3 pessoas (33,3%) e mestrado, 1 pessoa (11,1%), evidenciando que o nível educacional pode influenciar a escolha de áreas mais estruturadas, como a indústria de alimentos ou a educação

A maioria dos entrevistados ingressou no empreendedorismo sem experiência prévia, ao serem questionados sobre já terem empreendido antes, dos entrevistados apenas 1 pessoa (11,1%), respondeu que sim, 8 pessoas (88,9%) responderam que não. A partir da análise dos dados se

evidenciou que os participantes vêm de áreas distintas como setor público, técnico-operacional e cultural. Essa diversidade reforça o afroempreendedorismo como uma oportunidade acessível para diferentes trajetórias, muitas vezes decorrente da necessidade de superação das barreiras enfrentadas no mercado formal. A literatura aponta que o empreendedorismo por necessidade é comum entre afrodescendentes, impulsionado por exclusão econômica e social, confirmando as razões que levaram a maior parte dos entrevistados a iniciar seus negócios.

Os empreendimentos estão concentrados em setores como beleza, cultura, gastronomia e comércio, com destaque para atividades que valorizam a identidade negra, como serviços relacionados ao cabelo afro e cultura hip hop. Esses negócios dialogam diretamente com a literatura, que destaca o afroempreendedorismo como uma forma de resgate e afirmação cultural. O foco em nichos específicos, muitas vezes limitados à valorização da estética e da cultura afro, é uma resposta às demandas da comunidade negra, mas também uma estratégia para se diferenciar em um mercado competitivo.

A análise dos dados, a partir do questionário aplicado também aponta para um aumento do afroempreendedorismo nos últimos anos, possivelmente influenciado pela maior visibilidade das diretrizes raciais e pela acessibilidade das redes sociais como ferramenta de marketing. A maioria dos entrevistados utiliza plataformas digitais para promover seus negócios, um aspecto destacado na literatura como essencial para a sustentabilidade de pequenos empreendimentos. Embora os relatórios não tenham relatado dificuldades explícitas relacionadas ao racismo estrutural, a falta de experiência prévia e de suporte técnico é uma barreira implícita, principalmente em relação à gestão administrativa e ao acesso ao crédito. Esses fatores estão indicados em estudos que destacam a importância de políticas públicas e iniciativas privadas para a capacitação e o fortalecimento de redes de apoio, fundamentais para a sustentabilidade do afroempreendedorismo.

Complementando a análise, observa-se que os afroempreendedores entrevistados enfrentaram desafios que não são apenas financeiros, mas também ligados à gestão administrativa e à falta de experiência anterior em negócios. Apenas um dos entrevistados já havia empreendido antes, evidenciando que a maioria inicia suas atividades com pouca ou nenhuma experiência no mundo empresarial. Isso reforça a necessidade de programas de capacitação que vão desde técnicas de gestão e marketing até aspectos financeiros e jurídicos, um tema recorrente na bibliografia sobre afroempreendedorismo.

Outro ponto relevante é a escolha dos setores de atuação. Negócios relacionados à beleza e cultura destacam-se como uma extensão de vivência e de identidade negra, permitindo que os

empreendedores se conectem de forma autêntica às suas comunidades e fortaleçam a autoestima coletiva. No entanto, a participação em setores tradicionais, como gastronomia e oficinas mecânicas, aponta para a diversidade do afroempreendedor. Um aspecto visível é o papel das redes sociais, particularmente do Instagram, que surgem como ferramentas indispensáveis para a promoção dos negócios.

Essa prática permite superar, em parte, as barreiras históricas de acesso a espaços publicitários e comerciais dominados por grupos mais favorecidos economicamente. Isso corrobora com estudos que mostram como as plataformas digitais democratizaram o alcance de pequenos empreendimentos, principalmente os pertencentes a grupos historicamente marginalizados. Ainda que a maioria dos entrevistados não relacione dificuldades explícitas ligadas ao racismo estrutural, o próprio cenário de exclusão que leva muitos a empreender por necessidade já pode ser entendido como uma manifestação dessas características. Os afroempreendedores entrevistados mostram um perfil resiliente e criativo, capaz de transformar barreiras em oportunidades.

No entanto, a sustentabilidade dos seus negócios depende não apenas das suas capacidades individuais, mas também de um ambiente que ofereça suporte adequado, de acordo com uma das entrevistadas que trabalha no ramo gastronômico. Isso inclui políticas públicas que facilitam o acesso ao crédito, a capacitação e a formalização de registro do negócio, bem como ações sociais que promovem a equidade racial.

Dessa forma, a análise reforça que o afroempreendedorismo é uma forma de resistência, de afirmação cultural e de busca por autonomia econômica. Como demonstraram os entrevistados que empreendem em cultura e no ramo da beleza, tal como a trancista. Os empreendedores não apenas criam meios de subsistência para si mesmos, mas também desempenham um papel crucial na valorização da cultura negra e no fortalecimento das comunidades em que estão inseridas, alinhando-se às principais discussões da literatura acadêmica sobre o tema.

4.2 MOTIVAÇÕES AO EMPREENDEDORISMO

A motivação para empreender surge, em muitos casos, como uma resposta à exclusão do mercado formal de trabalho, evidenciando a relação entre empreendedorismo e sobrevivência. Muitos entrevistados apontaram que começaram a empreender por necessidade, precisamente 5 dos entrevistados, (55,6%), especialmente em momentos de crise econômica ou de desemprego. Outros, 4 pessoas (44,4%), entretanto, contaram que viram no empreendedorismo uma oportunidade para explorar nichos de mercado ligados à cultura afro-brasileira, como gastronomia, moda, artesanato e serviços culturais.

No caso de Bento Gonçalves, os empreendedores mencionaram que o turismo cultural oferece potenciais oportunidades, mas há um longo caminho para inserir a cultura afro-brasileira nesse mercado predominantemente voltado para a tradição ítalo-gaúcha. A literatura reforça essa dualidade entre o empreendedorismo por necessidade e por oportunidade. Segundo Silva (2021), o afroempreendedorismo frequentemente combina esses dois aspectos, uma vez que a busca por autonomia financeira está intrinsecamente ligada à valorização de uma identidade cultural que muitas vezes encontra resistência no mercado convencional.

As redes sociais surgem como a principal ferramenta de promoção dos negócios. Plataformas como Instagram, Facebook e WhatsApp foram mencionadas pela maioria dos entrevistados, que destacaram sua acessibilidade e alcance como fatores decisivos. Além disso, iniciativas como feiras e eventos culturais têm sido estratégicas para fortalecer o contato com o público-alvo, especialmente em contextos onde há maior receptividade à cultura afro-brasileira.

Na cidade de Bento Gonçalves, a participação em feiras locais foi destacada como uma oportunidade de visibilidade, embora os empreendedores relatados tenham dificuldades em conseguir vagas nesses eventos devido à falta de representatividade e reconhecimento de suas propostas culturais.

As motivações que levam a população negra a empreender são complexas, entrelaçando fatores econômicos, sociais e culturais que refletem a realidade histórica e contemporânea do racismo estrutural no Brasil. De acordo com França e Silva (2020), o afroempreendedorismo é frequentemente uma resposta tanto às desigualdades do mercado de trabalho quanto à necessidade de afirmação da identidade negra em espaços onde ela é frequentemente marginalizada. Assim, as motivações para empreender vão além do simples desejo de autonomia financeira, englobando também a busca por reconhecimento, pertencimento e transformação social.

Para grande parte da população negra, o empreendedorismo surge como uma alternativa à exclusão do mercado de trabalho formal. Na entrevista aplicada, 5 dos 9 entrevistados relataram terem começado a empreender por terem sido demitidas, ou com dificuldades para serem promovidas. Dados do Instituto Ethos (2019) mostram que pessoas negras têm menores chances de ascender a cargos de liderança ou serem contratadas para cargos corporativos, mesmo possuindo os mesmos níveis de educação que os indivíduos brancos. Nesse cenário, empreender é muitas vezes a única maneira de garantir renda e estabilidade financeira, especialmente em períodos de crise econômica. Nascimento (2020), ressalta que o empreendedorismo por necessidade é impulsionado por um mercado de trabalho que muitas vezes exclui pessoas negras ou as inseridas em posições

subalternas, sem possibilidade de crescimento.

Essa realidade é ilustrada por muitos dos entrevistados na presente análise, que buscaram no empreendedorismo uma forma de escapar das limitações impostas por trabalhos de baixos salários e reconhecimento.

Embora o empreendedorismo por necessidade seja predominante, há também casos em que o afroempreendedorismo é motivado por oportunidades percebidas. Segundo Silva (2018), essa forma de empreendedorismo é caracterizada pela identificação de nichos de mercado ainda não explorados ou subestimados, muitas vezes ligados à valorização da cultura negra. Setores como beleza, moda e gastronomia frequentemente oferecem oportunidades para afroempreendedores que desejam atender às demandas específicas da população negra, como produtos e serviços voltados para cabelos afro, culinária tradicional ou vestuário com inspiração afro-brasileira. Esses negócios não são apenas supremas carências do mercado, mas também desempenham um papel importante na construção de identidades positivas e no fortalecimento da autoestima dos consumidores negros.

França e Silva (2020) destacam que, ao empreender nesses setores, os afroempreendedores não exploram apenas uma oportunidade econômica, mas também são atrativos para a preservação e valorização da cultura negra, ressignificando elementos que, historicamente, foram alvo de discriminação e preconceito. Outro fator fundamental que motiva o afroempreendedorismo é a necessidade de afirmação da identidade negra em uma sociedade marcada pela desigualdade racial.

Munanga (2004) argumenta que o afroempreendedorismo se destaca como uma ferramenta de resistência, permitindo que indivíduos negros se apropriem de suas narrativas e criem espaços de valorização cultural. Essa motivação é evidente em negócios que promovem práticas culturais e estéticas tradicionais, como as tranças afro, o turbante e a culinária afro-brasileira.

Para muitos empreendedores, esses negócios são mais do que fontes de renda: são plataformas para educar a sociedade sobre a riqueza da cultura negra e combater os estereótipos negativos associados a ela. Além disso, a atuação como afroempreendedor possibilita uma reconexão com as raízes africanas, criando um senso de pertencimento e identidade comunitária.

Nascimento (2020) observa que, ao promover a valorização da cultura negra, os empreendedores também criam redes de apoio que ajudam a fortalecer a economia local e a autoestima das comunidades em que atuam.

A análise demonstra que as motivações para empreender vão além do simples desejo de criar um negócio. Há uma busca por autonomia, reconhecimento e afirmação cultural. Como destaca

Nogueira (2019), o afroempreendedorismo é um movimento que transcende a economia, tornando-se um ato de resistência frente ao racismo estrutural. Além disso, a capacidade de transformar adversidades em oportunidades revela a criatividade e a inovação como características intrínsecas desses empreendedores.

Outro aspecto frequentemente mencionado na literatura é o desejo de autonomia e liderança como motor do afroempreendedorismo. Segundo Silva (2018), a insatisfação com empregos que não oferecem oportunidades de crescimento ou ambientes inclusivos é uma motivação recorrente para que pessoas negras busquem no empreendedorismo uma alternativa para exercer maior controle sobre suas trajetórias profissionais.

Essa busca por autonomia está intrinsecamente ligada à resiliência dos afroempreendedores, que precisam superar as barreiras do racismo estrutural e do preconceito para criar espaços onde possam prosperar. França e Silva (2020) destacam que muitos afroempreendedores são motivados pelo desejo de contribuir para a transformação social, utilizando seus negócios como plataformas para promover a inclusão e a igualdade. Munanga (2004) argumenta que o afroempreendedorismo tem um papel transformador, não apenas em termos econômicos, mas também na forma como a sociedade vê e valoriza a população negra.

Ainda segundo, Munanga (2004), negócios liderados por afroempreendedores frequentemente se engajam em ações sociais, como a capacitação de jovens negros, a promoção da educação sobre a história afro-brasileira e o apoio a causas relacionadas à equidade racial. Essas iniciativas reforçam o papel do afroempreendedorismo como um movimento que vai além do lucro, buscando também um impacto positivo e duradouro. As motivações para o afroempreendedorismo são multifacetadas e refletem tanto as dificuldades quanto às potencialidades vividas pela população negra.

Empreender não é apenas uma resposta à exclusão econômica, mas também um meio de valorização cultural, afirmação identitária e transformação social. Estudos como os de Nascimento (2020), Silva (2018) e Munanga (2004) mostram que o afroempreendedorismo é uma prática resiliente e inovadora, capaz de superar as barreiras impostas pelo racismo estrutural e criar novos caminhos para a inclusão e as derrotas.

4.3 DIFICULDADES ENCONTRADAS

Os desafios enfrentados pelos afroempreendedores são consideráveis e refletem questões estruturais. Um dos principais obstáculos apontados foi o acesso ao crédito. Constando experiências frustrantes ao tentar obter financiamento, desafio que, muitas vezes, não considera as

particularidades de pequenos negócios iniciados com recursos próprios. Além disso, questões como discriminação racial ou indireta e preconceitos enraizados foram destacadas como barreiras significativas. Os desafios enfrentados pelos afroempreendedores, como o acesso limitado ao crédito, a ausência de capacitação técnica e os prejuízos causados pelo racismo velado, estão amplamente documentados na literatura. França e Silva (2020) destacam a necessidade de políticas públicas específicas para apoiar esse grupo, enquanto Nascimento (2020) sugere que a criação de redes de apoio, tanto comunitárias quanto institucionais, pode ser uma estratégia eficiente para superar esses obstáculos. Além disso, a importância de capacitações que abordem gestão, marketing e uso de tecnologias digitais, como apontado por Silva (2018), é fundamental para a sustentabilidade desses negócios.

Na realidade de Bento Gonçalves, esses desafios são agravados pelo ambiente cultural local, que é fortemente influenciado por uma identidade eurocêntrica, predominantemente ítalo-brasileira. Essa característica, embora seja um atrativo turístico, pode gerar resistência ao reconhecimento de produtos e serviços que expressam uma identidade afro-brasileira. Um entrevistado relatou que, em eventos promovidos na cidade, houve desvalorização de suas propostas culturais, como se a presença afro não tivesse conexão com o território.

Como facilitadores, os entrevistados destacaram o apoio comunitário e o fortalecimento das redes de afroempreendedores, que promovem trocas de experiências e estímulo mútuo. Em Bento Gonçalves, as associações locais começaram a apoiar empreendedores negros, ainda que de forma limitada. Iniciativas de capacitação foram mencionadas como fundamentais para o desenvolvimento de competências técnicas e de gestão. Aqueles que buscaram cursos ou participaram de programas de apoio relataram melhorias significativas em suas práticas de gestão e resultados financeiros.

No contexto de Bento Gonçalves, a percepção de muitos empreendedores é de que a valorização da cultura afro-brasileira ainda é incipiente. Produtos e serviços que carregam essa identidade enfrentam resistência ou desconhecimento por parte dos consumidores. Ainda assim, os entrevistados enfatizaram a importância de educar o público e persistir na valorização de suas raízes culturais.

A cidade, por sua vocação turística, tem potencial para incorporar a cultura afro-brasileira como elemento de enriquecimento cultural e atrativo para novos visitantes. Contudo, isso requer um trabalho ativo de inclusão, tanto por parte do setor público quanto de iniciativas privadas, para promover a diversidade na economia local.

Os recursos tecnológicos desempenham papel importante na gestão dos negócios. Ferramentas

como sistemas de controle financeiro e aplicativos de gerenciamento de redes sociais foram amplamente utilizadas, embora muitas tenham relatado dificuldades iniciais para aprender a utilizá-las. Essas dificuldades, muitas vezes, foram superadas com a ajuda de cursos ou tutoriais gratuitos disponíveis online.

Apesar dos desafios, a maioria dos entrevistados mantém uma visão positiva em relação ao futuro. Eles enxergam o afroempreendedorismo como uma oportunidade não apenas de gerar renda, mas também de contribuir para a transformação social e a valorização da cultura negra. Muitos afirmaram que, se você tiver que escolher novamente, optará por empreender, reforçando o caráter resiliente de suas trajetórias. No caso de Bento Gonçalves, há esperança de que o interesse crescente pela diversidade cultural possa abrir mais portas para os afroempreendedores, mas isso depende de uma mudança na percepção do público local e de políticas mais inclusivas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O empreendedorismo no mundo contemporâneo é um fenômeno recorrente e fundamental para a manutenção da economia, principalmente no que se refere à população menos favorecida. O afroempreendedorismo surge nesse contexto a partir da constatação da não universalidade entre o processo empreendedor de pessoas brancas e negras. Assim, surgem ações que olham para essa realidade de forma particular, e alguns exemplos são apontados por estudos.

As ações dos afroempreendedores podem ser vistas como um modelo de ascensão para grupos vulneráveis. No entanto, mesmo sendo a maioria empreendedora, os negros no Brasil ainda enfrentam as dificuldades deixadas pelo período escravocrata de acordo com, Freyre, G. (2003). A falta de acesso a uma educação de qualidade e a oportunidades de qualificação, a falta de habilidade na gestão financeira, o racismo estrutural que dificulta o acesso a crédito e as questões burocráticas do Estado, que frequentemente prejudicam empreendedores sem respaldo de advogados ou outras entidades qualificadas, fazem com que os afroempreendedores brasileiros enfrentem desafios significativos para obter êxito.

Por outro lado, os afroempreendedores têm agendado resiliência e criatividade ao buscar alternativas como o uso estratégico das redes sociais para ampliar o alcance de seus produtos e serviços. Esse comportamento reflete a força do afroempreendedorismo como um movimento de resistência e autovalorização, evidenciando que a inclusão de questões identitárias nos negócios não é apenas uma necessidade, mas também uma oportunidade de diferenciação no mercado.

Para além da geração de renda, o afroempreendedorismo desempenha um papel transformador social. Como destaca Munanga (2004), iniciativas que valorizam a cultura negra têm o potencial de desconstruir estigmas e promover o reconhecimento das contribuições históricas e culturais da população negra. Nesse sentido, os afroempreendedores atuam como agentes de mudança,

desafiando estereótipos e inspirando novas gerações a buscar autonomia econômica e valorização de sua identidade. Concluindo, para que o afroempreendedorismo alcance seu pleno potencial, é essencial um esforço conjunto entre governos, organizações privadas e a sociedade civil. A promoção de políticas inclusivas, o fortalecimento de redes de apoio e o reconhecimento do valor cultural dos negócios afro são passos fundamentais para garantir o afroempreendedorismo.

O estudo evidencia que o afroempreendedorismo é um campo permeado por desafios e potencialidades. As dificuldades enfrentadas refletem desigualdades históricas, mas também demonstram a força e a resiliência de empreendedores negros que, mesmo diante das adversidades, encontram formas de se destacar e prosperar.

Em Bento Gonçalves, essas questões são ampliadas pelo contexto cultural específico da cidade, que ainda precisa incorporar integralmente a diversidade em sua dinâmica econômica. Políticas públicas e iniciativas privadas voltadas à inclusão e à valorização da cultura afro-brasileira são essenciais para criar um ambiente mais equitativo e favorável à inovação. Conforme argumenta Silva (2021), o afroempreendedorismo não é apenas uma alternativa econômica, mas um movimento de transformação cultural e social que tem o potencial de redesenhar as dinâmicas de mercado e de poder no Brasil.

A pesquisa contribui significativamente para a compreensão das especificidades do afroempreendedorismo em Bento Gonçalves, ao destacar as barreiras históricas e estruturais enfrentadas pelos afroempreendedores, bem como as estratégias inovadoras utilizadas para superar essas dificuldades. Ao abordar a relação entre o contexto histórico de exclusão racial e os desafios atuais, o estudo fornece uma base para a criação de políticas públicas mais eficazes, além de contribuir para o fortalecimento da representatividade negra na economia local. As contribuições também se estendem para o campo acadêmico, ao enriquecer a literatura sobre o afroempreendedorismo e suas particularidades no Brasil, com foco em uma cidade específica, o que possibilita análises mais contextualizadas e profundas.

As limitações desta pesquisa envolvem, principalmente, a amostra restrita de afroempreendedores de Bento Gonçalves, que pode não representar a totalidade da realidade do afroempreendedorismo no Brasil. A pesquisa também se concentrou mais em aspectos qualitativos, como entrevistas e observações, o que pode não capturar a totalidade dos dados quantitativos relacionados ao perfil econômico desses empreendedores. Além disso, as condições locais e o contexto cultural específico de Bento Gonçalves podem limitar a generalização dos resultados para outras regiões do país.

Pesquisas futuras podem expandir a análise para outras regiões do Brasil, permitindo uma comparação entre as diferentes realidades enfrentadas pelos afroempreendedores em contextos urbanos e rurais. Também seria relevante investigar mais profundamente o impacto de políticas públicas e iniciativas privadas no sucesso dos afroempreendedores, com foco na eficácia de programas de capacitação, acesso ao crédito e inclusão digital. Outra possibilidade seria explorar a interseção entre afroempreendedorismo e outras formas de inclusão social, como a de mulheres negras ou pessoas com deficiência, ampliando a compreensão sobre a diversidade dentro do próprio campo do empreendedorismo afro-brasileiro.

REFERÊNCIAS

BULGACOV, Y. L. M.; CUNHA, S. K.; CAMARGO, D.; MEZA, M. L. BULGACOV, S. **Jovem empreendedor no Brasil: a busca do espaço da realização ou a fuga da exclusão?**. Revista de Administração Pública, v.45, n.3, p.695-720, 2011. Acesso em: 10/11/2023.

BAOBÁ, Fundo para Equidade Racial. **Negrxs e o empreendedorismo**. 2019. Disponível em: <<https://baoba.org.br/negrxs-e-o-empreendedorismo/>> Acesso em: 08/01/2022.

BENTO GONÇALVES. Prefeitura Municipal. **Bento Gonçalves: Processo migratório e o povoamento**. Disponível em: <<https://bentogoncalves.atende.net/cidadao/pagina/historia-da-imigracao#:~:text=Os%20primeiros%20imigrantes%20oriundos%20do,24%20de%20dezembro%20de%20201875>> Acesso em: 17/04/2024.

COSTA, C. (2020). **A política de imigração no Brasil Imperial e seus impactos nas dinâmicas raciais**. Acesso em: 25/07/2024.

DIADEMA. Lei Ordinária Nº 3.596, de 02 de maio de 2016. **Institui o Programa Municipal Diadema Afroempreendedor, e dá outras providências**. Disponível em: <https://www.cmdiadema.sp.gov.br/legislacao/leis_integra.php?chave=359616> Acesso em: 08/01/2022.

DISTRITO FEDERAL. **Lei Nº 36680 de 18 de agosto de 2015**. Institui o Programa Afroempreendedor. Publicado no Diário Oficial do Distrito Federal, Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/499993b9619341a0bb8ee0b9888eba04/exec_dec_36680_2015.html> Acesso em: 08/01/2022.

DORNELAS, José Carlos Assis, 1971- **Empreendedorismo corporativo: como ser empreendedor, inovar e se diferenciar em organizações estabelecidas / José Carlos Assis Dornelas**Rio de Janeiro: Elsevier, 2003 – 2ª Reimpressão. Acesso em: 22/04/2022.

DORNELAS, José Carlos Assis - **Empreendedorismo: Transformando Ideias em Negócios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008 - 3ª Edição. Acesso em: 22/04/2022.

DOLABELA, Fernando. **O Segredo de Luísa: Uma ideia, uma paixão e um plano de negócios: Como nasce um empreendedor e se cria uma empresa**São Paulo: Cultura, 1999. Acesso em: 22/04/2022.

DRUCKER, P. F. (2015). **Innovation and Entrepreneurship: Practice and Principles**. Routledge. Acesso em: 23/12/2024.

FEIJÓ, Duelen, **Dia da Consciência Negra. Porto Alegre/RS: Zenit Parque UFRGS**, 2019. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/zenit/dia-da-consciencia-negra/>> Acesso em 11/01/2022.

FRANÇA, R., & Silva, MA (2020). **Afroempreendedorismo: desafios e estratégias no Brasil contemporâneo** . São Paulo: Acesso em: 04/06/2024.

IBGE. (2022). **Censo Demográfico 2022** . Disponível

em:<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/bento-goncalves/panorama>>. Acesso em: 29/08/2024.

FREYRE, G. (2003). **Casa Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. Global Editora. Acesso em: 23/12/2024.

INTELIGÊNCIA. & Inovação. **Afroempreendedorismo: 10 startups de empreendedores negros que lutam para prosperar no Brasil**. Disponível em: <<https://inteligenciaeinovacao.com/afroempreendedorismo-10-startups-de-empresendedores-negros-que-lutam-para-prosperar-no-brasil/>> Acesso em: 08/01/2022.

INSTITUTO. Afrolatinas. **Quem Somos?**. Disponível em <<http://afrolatinas.com.br/instituto-afrolatinas/>> Acesso em: 08/01/2022.

LAGUNA. Projeto de Lei Nº 0100, de 2015. **Institui o programa municipal afroempreendedor e dá outras providências**. Disponível em: <camaradelaguna.sc.gov.br/proposicoes/Projeto-de-Lei/2015/1/0/4263 > Acesso em: 08/01/2022.

NASCIMENTO, A. (2021). **O legado do pós-abolição: exclusão e luta por direitos** . Acesso em: 24/11/2024.

NASCIMENTO, A. (2020). **A luta pela emancipação econômica: o afroempreendedorismo no Brasil** . Salvador: Edufba. Acesso em: 25/08/2024.

NECK, H., Greene, P., & Brush, C. (2023). **Teaching Entrepreneurship: A Practice-Based Approach**. Edward Elgar Publishing. Acesso em: 23/12/2024.

NOGUEIRA, M. (2019). **Afroempreendedorismo no Brasil: resistência e ressignificação no mercado de trabalho** . São Paulo: Ed. Cultura. Acesso em: 13/10/2024.

NASCIMENTO, A. (2020). **O poder do afroempreendedorismo nas redes sociais** . Salvador: **Corrente Negra**. Acesso em: 03/09/2024.

MUNANGA, K. (2004). **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade negra, pluralidade cultural e democracia racial** . Belo Horizonte: Autêntica. Acesso em: 11/09/2024.

OXFORD. **Cambridge Dictionary. Entrepreneur**. Disponível em:<<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/entrepreneur>> Acesso em: 08/01/2022.

PASA, Andressa. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - *Campus* Farroupilha. **Mulheres Empreendedoras na Serra Gaúcha, no contexto da Covid-19**. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/373413294_MULHERES_EMPREENDEDORAS_NA_SERRA_GAUCHA_NO_CONTEXTO_DA_COVID-19> Acesso em: 27/09/2023.

PORTO ALEGRE. Lei Nº 12.262, de 13 de junho de 2017. **Inclui o evento Feira Afroempreendedor**. Anexo I da Lei nº 10.903. Disponível em: <https://dopaonlineupload.procempa.com.br/dopaonlineupload/2116_ce_193844_1.pdf> Acesso em: 08/01/2021.

PRETA, Feira. **Sobre nós**. Disponível em: <<https://feirapreta.com/about-us>> Acesso em: 08/01/2022.

RADAELLI, Adrieli Alves Pereira. Universidade de Caxias do Sul. **O processo empreendedor na constituição da Indicação Geográfica Vale dos Vinhedos: Uma análise sob a ótica do Sistema de Capitais, 2019.** Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/4869/Tese%20Adrieli%20Aves%20Peireira%20Radaelli.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 12/01/2022.

RIBEIRO, Djamila. **O perfil do empreendedor negro no Brasil.** Carta Capital. Sociedade, 2015. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-perfil-do-empendedor-negro-no-brasil/>> Acesso em: 10/01/2022.

RIBEIRO, Matilde. **Desenvolvimento e Empreendedorismo Afrobrasileiro.** Desafios históricos e perspectivas para o século 21. Editora Ailende. São Paulo/SP. 2013. Disponível em: <<https://issuu.com/revistasustentabrasil/docs/miololivrotodo2>>. Acesso em: 10/01/2021.

RIO DE JANEIRO. Lei Nº 6.903, de 24 de maio de 2021. **Institui o Programa Municipal Rio de Janeiro Afroempreendedor.** Disponível em: <https://smaonline.rio.rj.gov.br/legis_consulta/63877Lei%206903_2021.pdf> Acesso em: 08/01/2022.

REAFRO. **Rede Brasil Afroempreendedor.** Disponível em: <<https://reafro.org/site/quem-somos/>> Acesso em: 08/01/2022.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3. ed. rev. e ampl. Santos: Atlas, 2011. SEBRAE, **Os donos de Negócio no Brasil: Análise por Raça/Cor.** Brasília: Série Estudos e Pesquisa, 2013. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/DN_Ra%C3%A7a_Cor.pdf> Acesso em: 10/01/2022.

SEMANÁRIO, **A página esquecida da história de Bento.** Disponível em: <<https://jornalsemanario.com.br/a-pagina-esquecida-da-historia-de-bento/>> Acesso em: 14/04/2024.

SILVA, R. (2021). **Empreendedorismo negro e identidade: perspectivas culturais e econômicas.** Rio de Janeiro: Vozes. Acesso em: 21/11/2024.

SILVA, C.F, Jéssica. **Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Empreendedorismo e Identidade Afrodescendente: O Caso da Reafro, 2017. Tese.** Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/169902>> Acesso em: 09/01/2022.

SÃO PAULO. Lei Nº 16.335, de 30 de dezembro de 2015. **Institui o Programa Municipal São Paulo Afroempreendedor.** Disponível em: <<http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-16335-de-30-de-dezembro-de-2015>>. Acesso em: 08/01/2022.

SILVA, JP (2018). **“Racismo estrutural e acesso ao crédito: impactos no empreendedorismo negro”.** Revista Brasileira de Estudos Sociais. Acesso em: 09/07/2024. SEBRAE, **Afroempreendedorismo cresce atuação no Brasil: ASN - Agência Sebrae de Notícias.** 2020. Disponível em: 20/11/2024.

APÊNDICE A - ROTEIRO DEMOGRÁFICO

1. Gênero:
2. Idade:
3. Possui filhos:
4. Naturalidade
5. Grau de escolaridade/Formação:
6. O que você fazia antes de ter sua empresa?
7. Em qual ramo você atua?
8. A empresa é um empreendimento em:
() Indústria () Comércio () Serviço

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) Você possui CNPJ?
- 2) Qual é o tempo de existência do seu empreendimento?
- 3) Que ações você utilizou para promover seu produto ou serviço?
- 4) Você emprega mais pessoas por meio do seu negócio?
- 5) Qual foi o principal motivo que te levou a empreender?
- 6) Você conhece o termo empreendedorismo negro ou afroempreendedorismo?
- 7) Você iniciou seu empreendimento por necessidade ou por oportunidade? Se por oportunidade, poderia informar qual foi?
- 8) Há dificuldades para empreender pelo fato de ser preto ou pardo?
- 9) Quais fatores você considera serem relevantes para uma pessoa preta ou parda, como dificultadores ou facilitadores ao empreender de modo geral?
- 10) Você recebeu apoio das pessoas a sua volta para empreender?
- 11) Você realizou cursos ou buscou apoio de instituições para melhorar seu negócio em qualquer etapa do empreendimento? Conte um pouco a respeito.
- 12) Como afroempreendedor(a), há algum fator cultural ou social em Bento Gonçalves que impacta o seu negócio?
- 13) Quais dificuldades você percebeu ter enfrentado por ser uma pessoa negra empreendendo?
- 14) Você já sofreu preconceito no ambiente de trabalho por ser preto ou pardo proprietário do próprio negócio?
- 15) O seu negócio iniciou com capital próprio ou de terceiros?
- 16) Você já necessitou obter financiamento ou empréstimo para a realização do seu negócio?
Se sim, teve alguma dificuldade? O que ocorreu?
- 17) Caso utilize recursos tecnológicos para a gestão do negócio, enfrenta alguma dificuldade para uso dos mesmos? Qual ou quais?
- 18) Sua expectativa para o futuro do seu negócio é positiva, negativa ou neutra?
- 19) Se tivesse de escolher hoje, empreenderia novamente ou buscaria outra atividade, como um emprego formal?

ANEXO A – TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO

AUTORIZAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Curso Tecnologia em Logística

Instituto Federal do Rio Grande do Sul- IFRS, Campus Bento Gonçalves.

Eu,, cargo....., CPF n°....., informo que estou ciente desta entrevista individual e concordo em participar do projeto de pesquisa intitulado AFROEMPREENDEDORISMO: PERFIL DOS EMPREENDEDORES NEGROS NA CIDADE DE BENTO GONÇALVES - RS , coordenado pelo Prof. Dr. Pedro Henrique de Moraes Campetti, que será executado por Jucenil Leônidas Marques Faria, como Projeto de TCC ao Curso de Tecnologia em Logística do IFRS, Campus Bento Gonçalves, como requisito parcial à obtenção do título de Tecnólogo em Logística. Portanto, estou ciente e autorizo a gravação da entrevista e o posterior uso de meu áudio para fins da pesquisa, sendo seu uso restrito para transcrição das respostas neste Trabalho de Conclusão de Curso.

..... de de 2024.

.....
Assinatura do(a) entrevistado(a)